

O SER PESSOA EM UMA VIVÊNCIA OPERÁRIA

Amanda Carvalho Padilha - UFMG
Miguel Mahfoud – UFMG

Resumo

Este trabalho tem como objetivo evidenciar a estrutura da vivência operária de Simone Weil, procurando demonstrar de que maneira se articulam as três dimensões do ser humano (corpo, psiquismo e espírito) em uma fábrica de automóveis da primeira metade do século passado. Utilizou-se como referencial teórico às formulações de Edith Stein sobre o tornar-se pessoa de forma integral e verdadeira, levando em consideração todas as potencialidades humanas e sua relação com o mundo externo. Para tanto realizou-se uma análise fenomenológica dos relatos de Simone Weil, em que ela descreve sua experiência como operária entre os anos de 1934 e 1935. Seu diário ("Journal d'usine") está publicado em um livro intitulado "La condition Ouvrière". Simone Weil foi uma filósofa francesa que viveu entre os anos de 1909-1943. Trabalhou como operária, como agricultora, engajou-se nas Brigadas Internacionais lutando ao lado dos republicanos espanhóis, participou da resistência francesa na segunda guerra mundial e faleceu devido a uma tuberculose no Sanatório de Grosvenor onde recusou alimentar-se, pois desejava compartilhar os sofrimentos dos oprimidos. Mesmo estando atenta às questões conjunturais de seu tempo ela não deixava de refletir sobre temas mais caros à filosofia como a metafísica. De origem hebraica e convertida para o catolicismo possui escritos em que esclarece sobre sua experiência mística e temas como a gravidade e a graça. Sendo assim, obteve-se ao analisar seus relatos, como se estabelece à articulação entre dimensões, aparentemente excludentes, mas sem sombra de dúvidas, intrinsecamente relacionadas na constituição do ser humano como a matéria e o espírito. Por isso a escolha de Simone Weil e seus relatos em um contexto operário.

PALAVRAS CHAVES: Pessoa / Fenomenologia/ Vivência operária.

Abstract

This work has as objective to evidence the structure of the laboring experience of Simone Weil, being looked for to demonstrate how the three dimensions of the human being (body, psychic and spirit) in a plant of automobiles of the first half of the last century are articulated. Person of integral and true form used itself as reference theoretician to the formularizations of Edith Stein on becoming, taking in consideration all the potentialities human beings and its relation with the external world. For in such a way a phenomenological analysis of the stories of Simone Weil was done, where it describes its experience as laborer enters the years of 1934 and 1935. Its daily one ("Journal d'usine") is published in an intitled book "La condition Ouvrière". Simone Weil was one French philosopher that it lived enters the years of 1909-1943. It worked as laborer, as agricultural worker , engaged itself in the International Brigades fighting to the side of the Spanish republicans, participated of the French resistance in the Second World War I and died due to a tuberculosis in the Sanatorium of Grosvenor where she refused to feed itself, therefore she desired to share the sufferings of the oppressed ones. Exactly being intent to the conjunctural questions of its time it did not leave to reflect on more expensive subjects to the philosophy as metaphysics. Of Hebrew and converted origin for the catolicismo she has written where she clarifies on its mística experience and subjects as the gravity and the favour. Being thus, it was gotten the relationships between dimensions, apparently exculpatory, but without shade of doubts, intrinsically related in the constitution of the human being as the substance and the spirit. Therefore the choice of Simone Weil and its stories in a laboring context.

CONCEITO DE PESSOA

Edith Stein foi assistente de Edmund Husserl e utilizou-se do método proposto pelo filósofo - a fenomenologia essencial - para analisar o homem. Assim, através da análise da vivência - aquilo que estou vivendo verdadeiramente - pode-se compreender sobre a constituição do ser humano. O que se vive, vive-se em atos: de ver, de tocar, de ouvir, de refletir, de imaginar, de lembrar etc...e a qualidade destes atos se analisada, remetem à corporeidade, à psique e ao espírito. Então, através do caminho da análise dos atos vividos (registrados na consciência) chega-se a explicitar que o ser humano é constituído de três dimensões dinamicamente articuladas:

- 1) Dimensão material: corpo – que é de uma só vez: “coisa material” submetido às leis da matéria, da necessidade, da gravidade e organismo vivo em relação com o mundo externo, através dos sentidos externos: visão, tato, audição, gustação e olfato.
- 2) Dimensão psíquica: são as reações de cada um frente às sensações externas e internas: medo, desejo, prazer, dor, alegria, tristeza etc... “algo que nós acontece, não podemos mandar nisso, nós acontece como reação” Edith Stein, “La struttura della persona umana”
- 3) Dimensão espiritual: a dimensão que caracteriza a alma humana, chamada por Edith Stein de alma intelectual: ela tem existência própria e superior à do corpo, percebe o que acontece e o que acontecerá a este, o governa e o substância de si. “a alma intelectual deve constituir, formar e governar a si mesma e ao mesmo tempo construir um mundo no qual ela possa viver e operar: seu ambiente é um mundo espiritual.... Nela há formação do ânimo e formação da pessoa inteira, do homem uno, corpo e alma.” É a sede da razão: juízo universal e vontade. “Com a nutrição espiritual ela assume o estímulo à ação: sente-se levada a fazer com que a própria essência, aquela que interiormente a plasma, demonstre a própria eficácia no exterior, em atos e obras que a testemunhem: é uma parte essencial da personalidade”. Miguel Mahfoud, “Formação da pessoa e caminho humano: Edith Stein e Martin Buber” – texto.

OBJETIVO ESPECÍFICO

Evidenciar a dimensão espiritual da pessoa humana em uma vivência operária. Se considerarmos que a atividade operária é caracterizada pela relação: homem – máquina, onde os principais objetivos se concentram em torno da produção material – o lucro - e que em uma fábrica o que salta aos olhos é o inevitável da matéria, ao explicitar as diferentes modalidades da estrutura da vivência operária, pode-se perceber a articulação entre dimensão material e dimensão espiritual entre necessidade e vontade.

MÉTODO DE ANÁLISE E MATERIAL UTILIZADO

Utilizou-se como material de análise trechos do “Journal d’usine” escrito por Simone Weil entre os anos de 1934 e 1935 publicado em 1951 pela editora Gallimard em um livro intitulado “La Condition Ouvrière”, dirigido por Albert Camus. Traduzido para o português por Ecléa Bosi e publicado em um livro chamado “A condição operária e outros estudos sobre a opressão.” O método de análise foi o da fenomenologia essencial assim como proposto por Edmund Husserl. Segundo Ângela Ales Bello em seu livro: “Fenomenologia e Ciências Humanas”. Esta forma de trabalho consiste em colher o que salta aos olhos do pesquisador, sendo que este procura se abster de categorias já estruturadas em sua mente para permanecer atento ao que a vivência descrita pelo sujeito revela. Tal atitude permite o contato com a essência que perpassa todas as diferentes modalidades da experiência operária e diz da articulação entre questões constitutivas da consciência transcendental. No caso do nosso estudo as relações entre matéria e espírito na estrutura da pessoa humana.

RESULTADOS E DISCUÇÃO

Os relatos estão divididos em trechos onde a operária descreve de forma coesa e minuciosa a atividade em si, intercalados por trechos onde ela fala das conseqüências desta atividade na pessoa que a realiza e outros trechos onde ela reflete sobre sua condição de operária. Nestas três modalidades de relato revela-se uma tensão, subjacente à vivência de como se estabelece articulação entre as três dimensões do ser humano. A cada instante a unidade da pessoa se mostra ameaçada, mas logo no instante seguinte esta unidade é recuperada. Assim, passa-se por momentos onde a lógica da matéria (necessidade) prevalece até instantes onde a sutileza do espírito se impõe apesar do inevitável. Para apresentar os resultados iniciou-se por começar pelas categorias onde a lógica da matéria se impõe até alcançar a forma como elas irão se articular na vivência de unidade da pessoa..

1) “É preciso ser mais conscienciosa quando se tem a vida a ganhar.”

“...Operária despedida - tuberculosa – matou centenas de peças por várias vezes (mas quantas?). Uma vez, logo antes de cair muito doente; então lhe tinham perdoado. Desta vez, 500. Mas na equipe da noite (de 2:30 às 10:30), com todas as lâmpadas apagadas, menos as de vigilância (que não iluminam nada). O drama se complica porque a responsabilidade do montador (Jacquot) fica automaticamente empenhada. As operárias, entre as quais estou eu (Chat e outras, paradas – dentre as quais a admiradora de Tolstoy?) a favor de Jacquot. Aí uma delas disse: **É preciso ser mais conscienciosa quando se tem a vida a ganhar.**”

2) “..., quando é preciso ganhar a vida, o jeito é agüentar.”

“Parece que esta operária tinha recusado o trabalho em questão (sem dúvida delicado e mal pago) “trabalho muito pesado” dizem. O contramestre lhe tinha dito – “se não estiver feito amanhã de manhã...” Donde se conclui que ela tinha matado de má vontade.” Nem uma palavra de simpatia das operárias que, no entanto, conhecem essa aversão por uma tarefa na qual a gente se esgota sabendo que só vai ganhar 2F. ou menos e que, ainda por cima, vai receber bronca por ter matado o serviço – aversão que deve crescer 10 vezes com a doença. Essa falta de simpatia provém do fato de que se uma tarefa “má” for poupada a uma, vai recair sobre outra... Comentário de uma operária (Mme Foestier?): “Ela não devia ter respondido, quando é preciso ganhar a vida, o jeito é agüentar...(repetido varias vezes) Podia ter ido dizer ao subgerente: Errei, sim, mas mesmo assim a culpa não foi toda minha: a gente não enxerga muito bem ali, etc...Não torno a fazer etc.”

Em um ambiente como o de uma fábrica a lógica da matéria – máquina, lucro – impõem-se a todos que lá precisam ganhar a vida. Essas regras que ditam quanto vale uma vida. E as operárias agüentam para viver:

O ambiente hostil:

“Muito frio, nesta semana. Grande desigualdade de temperatura conforme os lugares da fábrica; em alguns me senti congelada na máquina a tal ponto que meu trabalho diminuiu nitidamente. Passa-se de uma máquina colocada diante de uma abertura de ar quente, ou mesmo de um forno, para uma máquina em

plena corrente. Os vestiários não são nada aquecidos; nos enregelamos durante os cinco minutos que levamos para lavar as mãos e nos vestirmos. Uma de nós tem uma bronquite crônica tão forte que tem de aplicar ventosas de dois em dois dias...”.

As broncas dos reguladores:

“Sábado – 1 hora para fazer um buraco em pontas de latão colocadas em um suporte baixo demais que eu não via, daí o fato de que ‘matei’ 6 ou 7 (trabalho feito na véspera com bom resultado por uma novata que nunca tinha trabalhado, no dizer do regulador Leon, que se esgoela o quanto pode). Causo estragos, mas nenhuma bronca por causa das peças “matadas”, porque o total está bom.”

A submissão do domínio dos reflexos à lógica do número de peças produzidas: peça = operária:

De 4:30 às 5:15: *forno*. Trabalho muito duro: não só o calor intolerável, mas as chamas chegam a lamber as mãos e os braços. **É preciso dominar** os reflexos, sob pena de matar...(matei uma!). Há 500 peças (o resto para quinta de manhã), pagas a 4,80F. cada 100. Portanto, 24F. ao todo. Disponho de 8 horas. Fora isso, durante o dia 3h:40 + 1h:20 +1h:15 = 6h:15; 2h:45 para recuperar. **Prestar atenção**. Amanhã, com certeza, não vou fazer mais do que 3h:30 ou 4h.

O esgotamento a ponto de perder o domínio dos movimentos e o contato com o outro. Sentimentos de gratidão por uns e despeito por outros:

“Forno. Na primeira noite, lá pelas 5 horas, a dor da queimadura, o esgotamento e as dores de cabeça me fazem perder completamente o **domínio** de meus movimentos. Não consigo abaixar a tampa do forno. Um caldeireiro se precipita e abaixa para mim. **Que gratidão por estes momentos!** Também quando o garotinho me acendeu o forno e me mostrou como abaixar a tampa com um gancho, com muito menos trabalho. Em troca, quando Mouquet me sugere que ponha as peças a minha direita para passar menos vezes pela frente do forno, **sinto**, principalmente, **despeito** por não ter pensado nisso por mim mesma. **Cada vez que me queimei, o soldador me dirigiu um sorriso de simpatia.**”

O trecho acima marca um momento de transição das duas categorias anteriores para as que se seguem. Na primeira noite as dores de cabeça, a dor da queimadura e o esgotamento a fazem perder completamente o domínio dos movimentos, ela não consegue abaixar a tampa do forno, mas alguém a ajuda e ela se sente grata, relata em seguida outro momento em que se sente grata pela ajuda de um garotinho, mas sente despeito por não ter pensado em fazer o que o regulador a sugere antes dele a ajudar. E por fim constata que a cada vez que se queimou o soldador a dirigiu um sorriso de simpatia. Começa a se delinear elementos que tornam o ambiente na fábrica mais agradável por despertarem sentimentos bons. A dureza continua presente, mas algo parece ameniza-la. Mas ainda de forma bastante sutil.

3) Efeito da dureza da matéria no corpo, no psíquico e no espírito.

Corpo – Psíquico – Espírito

Terça, 18 – As mesmas peças – 500 de 7 às 8:45, todas matadas.

De 9 às 5 trabalho em dupla é pago por hora: barras de ferro de 3m. de comprimento, pesando de 30K a 50K. Pesado, **mas não irrita**. **Uma certa alegria** do esforço muscular... mas à noite, **esgotamento**. **Os outros olham com dó, especialmente Robert**.

Quarta, 19 – de 7 às 11 parada. 11 as 5 trabalho, prensa pesada para fazer arruelas numa barra de metal com Robert Encomenda perdida (2F. por hora,

2,28F. para mil arruelas). Dor de cabeça muito forte, **trabalho feito chorando quase sem parar. (chegando em casa crise interminável de soluços)**. Nada de asneiras, no entanto, exceto 3 ou 4 peças matadas.

Conselhos luminosos do almoxarife. Só trabalhar com a perna, não com todo o corpo; empurrar a chapa com uma das mãos, segurá-la com a outra, em vez de empurrar e segurar com a mesma mão. Relação do trabalho com atletismo.”Robert bastante duro quando viu que matei duas peças. (...).”

Aqui é possível ver como se relacionam as três dimensões, palavras em vermelho se referem aos efeitos no psíquico e as em lilás à sutileza de como o espírito resiste. Ela inicia o relato da terça descrevendo a atividade segue falando das proporções trabalho – dinheiro. Continua descrevendo o efeito do trabalho no corpo: “dor de cabeça muito forte”; “chegando em casa crise interminável de soluços”, depois o efeito no psiquismo: “trabalho feito chorando quase sem parar”, em seguida o fala de como os outros, principalmente Robert a olharam com dó. A sua percepção de que os outros entenderam algo de seu estado psíquico (esgotamento) e a olharam com dó, diz de um efeito que só pode ser captado por sua dimensão espiritual, a da intersubjetividade. A mesma potência se mostra no ato dos outros perceberem seu esgotamento. Tal fato só é possível também por que possuem uma dimensão que vai além da simples reação física ou psíquica. Essa capacidade do ser humano capta algo que diz do outro como um todo. Apesar de todo este sofrimento ao final conclui: “nada de asneiras, no entanto, 3 ou 4 peças matadas.” Donde conclui-se que o mais importante, em um contexto como este, são as peças. Pode-se perceber isto também na continuação do relato quando ela descreve a ajuda do almoxarife: São “conselhos luminosos”, mas dizem respeito à atividade propriamente dita entre o corpo e a máquina. O que a leva a pensar na relação do trabalho com o atletismo. E mesmo depois de ter conseguido um pouco mais de intimidade com a máquina, seguindo os conselhos, Robert não perdoa e é bastante duro quando vê que ela matou 2 peças. Aqui se vê algo da potência do espírito se manifestando, mas não é suficientemente absorvido pela lógica vigente.

Drama – pequena covardia de Leon (“Não quero ser responsável pelas asneiras dos outros”). Vai, com a mais mal feitas das minhas peças, **procurar o encarregado (sua violência)** - O contramestre – **contrariando o costume, quase sempre amável- vem ver e acha que os suportes são insuficientes.** Manda modificar. Léon coloca uma trave ininterrupta atrás da máquina. Torno a fazer uma peça ruim, enganada pela trave anterior. **Leon estoura e vai procurar o contramestre. Felizmente faço logo a seguir uma boa. Continuo, mas tremendo. Desesperada, vou procurar o almoxarife, que me explica com amabilidade e de uma forma luminosa** (em vez de empunhar a peça, segurá-la por baixo e empurrá-la, fazendo-a avançar com os polegares; fazê-la deslizar ao longo do suporte para ter a certeza de que está lá). **Mimi, que antes tinha vindo me socorrer, não tinha conseguido senão me aconselhar que não ligasse para os gritos.”.**

Que diferença enorme entre o almoxarife e os reguladores - sobretudo Leon, o mais medíocre.

Este também é um trecho onde aparecem as três dimensões. A dimensão do espírito se mostra, mas ainda bastante submetida à lógica da necessidade, embora mais delimitada do que nos trechos anteriores. Drama – uma covardia de Leon ela descreve com uma fala deste: “Não quero ser responsável pela asneiras dos outros”. Com este comentário ele demonstra que usa de sua capacidade de avaliação e posicionamento frente ao o que avaliou para não se comprometer com o trabalho feito por sua equipe. Ora avaliar e se posicionar são faculdades do espírito, mesmo que utilizadas para reproduzir a lógica da necessidade. Necessidade de produzir para viver. Mais uma vez vê-se que não interessa o operário, mas sua produção: Faz isso “pegando a mais feia de minhas peças” com violência (reação psíquica) e a leva ao contramestre que também reage contrariando o costume, “quase sempre amável”. Modifica-se a trave Simone não se acostuma

com a nova e perde uma peça, Leon não se contém: “estoura” e vai procurar o contramestre, mas o que salva é que em seguiu a operária faz uma boa peça. Então continua o trabalho, entretanto com efeitos no corpo: “tremendo”, efeitos no espírito: desesperada. Tais conseqüências a fazem procurar o almoxarife, o mesmo que a deu conselhos luminosos da outra vez: “vou procurar o almoxarife que me explica com amabilidade e de forma luminosa.” Mais uma vez instruções práticas, como lidar com as peças. Mimi, outra operária vem em seu auxílio mas só consegue: “se não me aconselhar que não ligasse para os gritos.” Ao final nos fala de um juízo, também uma faculdade do espírito: “Que diferença enorme entre o almoxarife e os reguladores – sobre tudo Leon o mais medíocre.”

4) Modalidades de resistência

Questiona-se as ordens:

Ordem de recomeçar justificada, ou castigo? Seja como for Mouquet me fez recomeçar de uma forma exaustiva e perigosa (era preciso abaixar-se, cada vez, sob pena de receber o pesado contrapeso bem na cabeça”).

Neste trecho ela se pergunta: “Ordem de recomeçar justificada ou castigo?” Aqui Simone utiliza sua capacidade de distanciar-se do fato e refletir sobre ele. Isto é uma faculdade própria do espírito. Em seguida desiste de seu questionamento e conclui: “seja com for, Moquet me fez recomeçar de uma forma penosa e perigosa...” Mesmo tendo consciência que a forma seria exaustiva e perigosa ela se dobra a ordem de recomeçar e por fim admite: “era preciso abaixar-se cada vez mais sobre pena de receber o pesado contrapeso na cabeça”. É importante neste trecho a reflexão feita no início e o posicionamento de aceitação, tomado ao final, mesmo tendo consciência da forma exaustiva e perigosa. Nos relatos anteriores ela nem sequer tinha conhecimento, a não ser em pequenos momentos, que estava se posicionado passivamente, pois não tinha espaço para refletir sobre a atividade, ela se jogava no trabalho e depois sentia o cansaço no corpo, então caía em desespero, pois não fazia idéia do que poderia ser feito. Em alguns momentos se questiona sobre atitudes suas relacionadas a melhor forma de ser eficiente. Mas, nunca como aqui, onde ela questiona uma atitude do regulador, e só então se posiciona, aceitando: “seja como for, Mouquet me fez recomeçar de uma forma penosa e perigosa”.

Perceber e solidarizar-se com o sofrimento do outro:

“Dó e indignação mudas dos camaradas mais próximos. Eu, furiosa comigo mesma (sem razão, pois ninguém me tinha dito que eu não batia com bastante força), tinha a estúpida sensação de que não valia a pena prestar atenção e me proteger. No entanto, não houve acidente. O regulador (Leon) muito irritado, com certeza contra Mouquet, mas não abertamente”.

A capacidade de perceber o sofrimento do outro, sensibilizar-se com tal sofrimento a ponto de sentir dó e indignação também são potências do espírito. Os outros se afetam com o sofrimento de Simone e ela percebe isto. Mas, mais uma vez se posiciona frente ao percebido com raiva de si. Tal fúria é uma reação psíquica que ela reconhece ser sem razão, pois apesar de se compadecerem com ela ninguém a havia dito: “que eu não batia com bastante força”. A fúria teve como conseqüência: “a estúpida sensação de que não valia a pena prestar atenção e me proteger”. Com esta frase ela reconhece que sua sensação era estúpida, pois a impedia de usar sua atenção, também para se proteger.

A fraternidade: uma potência do espírito:

“Dia sem incidentes. Não muito penoso. **Fraternidade silenciosa com o regulador emburrado lá no fundo (sozinho). Não falei com ninguém. Nada de muito instrutivo**”.

O dia foi sem incidentes em seguida diz que não foi muito penoso. Depois nos diz de sua fraternidade silenciosa com o regulador que estava sozinho no fundo. Existe uma conexão entre o dia de trabalho não muito penoso e uma abertura para a fraternidade, mesmo que silenciosa.

Enfim, uma oficina alegre. Trabalho em equipe:

“Forno. Canto muito diferente, embora ao lado da nossa seção. Os Chefes nunca vêm aqui. **Atmosfera livre, fraterna, nada mais de servil ou de mesquinho. O garotinho adorável é quem serve de regulador... O soldador... O jovem italiano de cabelos loiros... meu “noivo”...o seu mano...a italiana...o rapagão forte da maçã...**

Enfim, uma oficina alegre. Trabalho em equipe. Caldeiraria, ferramentas: principalmente a maçã; fazemos os cotovelos com uma maquininha manual. Depois os arrumamos com a marreta; **é indispensável uma mão jeitosa.** Inúmeros cálculos, para medir - colocam-se as caixas juntas, etc. **A maior parte do tempo se trabalha em dois ou até mais”.**

Neste trecho ela observa que o local onde estão trabalhando é muito diferente. Em seguida diz: “os chefes nunca vêm aqui”. Então começa descrevendo: “**Atmosfera livre, fraterna, nada mais de servil ou de mesquinho. O garotinho adorável é quem serve de regulador... O soldador... O jovem italiano de cabelos loiros... meu “noivo”...o seu mano...a italiana...o rapagão forte da maçã..**” Neste instante ela nos relata um momento no trabalho que parece ter sido satisfatório e o foi, porque no canto onde estavam trabalhando, os reguladores quase não aparecem. Com uma folga do olhar regulador do outro abre-se espaço para uma sensibilidade maior da atmosfera da oficina que agora não se mostra tão opressora: “**Enfim, uma oficina alegre. Trabalho em equipe.** Caldeiraria, ferramentas: principalmente a maçã; fazemos os cotovelos com uma maquininha manual. Depois os arrumamos com a marreta; **é indispensável uma mão jeitosa.**” Aqui ela descreve a atividade, mas, esta não é penosa, o trabalho é em equipe, a atmosfera alegre. A atividade é realizada no mesmo instante em que os operários refletem sobre a melhor maneira de realizá-la: “a mão deve ser jeitosa... etc”. Até chegar a concluir que: “**A maior parte do tempo se trabalha em dois ou até mais”.**

“Quarta, 9 – De 7 à 1h:30, arqueamento na máquina de botões. A máquina se engripava – engraxar cada peça – **(a esse respeito o chefe de equipe me falou em um tom de amabilidade nada habitual)** – lento 62%; mas a quantia com certeza não conta. 833 feitas – ao todo 6h. marcadas - **trabalho não muito chato por causa do sentimento de responsabilidade (eu estudava uma forma de evitar o engripamento)”.**

Quarta – atividade: “arqueamento na máquina de botões”. A máquina se engripava – ela tem que engraxar cada peça – aumento da dificuldade da tarefa. (para tratar desta dificuldade o chefe fala: “me falou em um tom de **amabilidade nada habitual**”. Depois ela comenta: “lento”, mas a quantia não conta. Foram 833 feitas em um total de 6hs marcadas.: “**trabalho não muito chato por causa do sentimento de responsabilidade (eu estudava uma forma de evitar o engripamento)”.** A atividade não é sem dificuldade, mas esta dificuldade é provocadora do intelecto, já que a pessoa não é oprimida em suas potencialidades, ela implica o operário na tarefa, uma vez que neste caso (amabilidade do chefe, a quantia com certeza não conta, **sinto-me bem melhor na fábrica**, desde que fui para a sessão dos fundos, **mesmo quando não estou mais lá**): “**Sinto muito melhor na fábrica, desde que fui para a sessão dos fundos, mesmo quando não estou mais lá.**”. Assim pode-se perceber que nestes instantes a pessoa que realiza a atividade aparece nela. Certas condições exteriores permitem isto.

Uma certa alegria:

“Terça, 18 – As mesmas peças – 500 de 7 às 8:45, todas matadas.

De 9 às 5 trabalho em dupla é pago por hora: barras de ferro de 3m. de comprimento, pesando de 30K a 50K. Pesado, **mas não irrita. Uma certa alegria** do esforço muscular... Mas à noite, **esgotamento. Os outros olham com dó, especialmente Robert**".

Terça de 7 às 8:45 – as mesmas peças todas matadas. De 9 às 5 trabalho em dupla é pago por hora: barras de ferro 30 a 50K – “Pesado, **mas não irrita. Uma certa alegria** do esforço muscular... O trabalho em dupla é pesado, mas não irrita: existe uma certa alegria (espírito) no esforço muscular (coisa material). Só que: “...mas à noite, **esgotamento. Os outros olham com dó, especialmente Robert**. Neste trecho o trabalho pesado é feito em dupla ela se mostra alegre em estar se esforçando, só que à noite se diz esgotada com toda sua pessoa comprometida (corpo, psíquico, espírito). Tal esgotamento desperta o olhar dos outros que reagem com dó e Robert (o chefe) especialmente. Atividade pesada – coisa material – alegria – estado de espírito em relação ao esforço muscular. Ao final do trabalho, com as três dimensões comprometidas pelo jugo pesado da matéria os outros se afetam por perceberem o esgotamento de Simone e reagem com dó. Afetar-se com o esgotamento do outro – potência do espírito.

5) Articulação corpo – psíquico – espírito

O espírito resiste: ao **permanecer** na atividade apesar de...

“Uma operária da perfuração teve uma mecha de cabelos arrancada pela sua máquina apesar de estar de rede: vê-se na cabeça uma grande placa nua. Aconteceu no fim de uma manhã. Mesmo assim, de tarde, ela veio trabalhar apesar de ter sentido muita **dor** e, ainda mais, **medo**”.

A operária teve uma mecha de cabelos arrancada pela máquina. É possível: “vê-se na cabeça uma grande placa nua”. Isto aconteceu no fim de uma manhã, “mesmo assim, de tarde, **ela veio trabalhar** apesar de ter sentido muita dor e, ainda mais, **medo**”. A operária se machuca no corpo pela máquina, mesmo assim seu espírito resiste e ela volta ao trabalho à tarde. Com o corpo debilitado sentido dor e ainda mais medo. A dor no corpo afeta seu psiquismo e a faz sentir mais medo. Apesar do acidente, da dor (jugo da matéria) que aumenta o medo (ressonância psíquica) a operária volta à tarde. Tal fato pode ser entendido de duas formas: a matéria oprime toda a pessoa a ponto de fazê-la utilizar sua potência mais própria e sublime (espírito) em favor da exigência material. Mesmo machucada a operária se curva à atividade. Mas esta atitude de voltar, apesar de... Pode também ser compreendida como resistência do espírito. Apesar de machucada a operária encontra forças para se curvar à atividade. Aqui evidencia-se um ponto culminante: Inclusive para se dobrar ao jugo da matéria (a exigência da produção/ necessidade) é necessário recorrer à força do espírito, ou seja, a força do espírito é subjugada à matéria na medida em que sua vitalidade é utilizada em favor da exigência material. Entretanto o espírito se faz indispensável, mesmo que para sustentar a necessidade. Dessa forma, a relação se inverte e é a matéria que se subjugava ao espírito. Um não subjugava o outro sem a força do que está sendo subjugado. Assim se a opressão é total, fatalmente vai faltar forças para que esta opressão continue existindo, já que ela depende daquele sobre o qual ela se faz:

O absurdo da opressão (!):

Digo a Mimi, mostrando-lhe o preço por peça: “**Azar**, o jeito é perder o serviço”. **Ela responde:** “Sim, já que **eles não nos querem pagar pelas peças matadas, não há outra coisa a fazer**”. (!) “Azar, o jeito é perder o serviço” (resistência do espírito; a produção é perdida e as operárias não se implicam nisto, já que além de estarem com suas forças esgotadas não as é oferecido escolha nas condições a que estão submetidas). Ela responde: “Sim, já que eles não nos querem pagar as peças matadas, **não há outra coisa a fazer**”. (grifo meu – matéria exaurindo-se) De fato: não há outra coisa a fazer, esgotaram-se as possibilidades (forças), tudo foi consumido: a pessoa sabe que vai perder o serviço, mas, resiste, encontrando forças para tomar consciência disto, e optando por admitir: não há outra coisa a fazer, a não ser se resguardar; ao oferecer resistência à exigência material levada as últimas consequências.

O espírito resiste: ao **criar** uma forma:

“Sábado, 12 – Id. forçar a fundo. Encontro um meio: primeiro colocar as faixas retas (Leon tinha colocado mal os suportes). Depois fazer como a faixa deslize ao longo da trave em movimento contínuo. Primeiro consigo 800 peças em 1h. e pouco, depois diminuo sob o efeito do cansaço. Muito duro - costas quebradas, o que me faz pensar na colheita de batatas – o braço direito constantemente tenso – o pedal um pouco duro. Graças a Deus, hoje é sábado!”

Sábado: “forçar a fundo. Encontro um meio... Primeiro consigo 800 peças em 1h e pouco depois diminuo sobre o efeito do cansaço. Muito duro. Costas quebradas...”

Ela inicia a atividade tendo que forçar a fundo, encontra um meio (toma consciência da atividade de sua dificuldade e cria uma forma) produz 800 (usou de sua potência criativa para produzir mais – realizar a exigência da matéria). Mas a matéria oprime e ela diminui a produção sobre o efeito do cansaço: isto é Muito duro. - as costas quebradas... o braço direito constantemente tenso... – o pedal um pouco duro, mas ao final aquela mesma força criativa que quase estava sendo sucumbida pelo cansaço muito duro volta assim: “Graças a Deus, hoje é sábado”.

O espírito resiste: ao enxertar vida

“11h:45 às 5h:45 cortar e furar as faixas de cobre (com Leon). Segundo drama. Ao fim de 250 peças Léon percebe que os buracos não estão no meio (eu não tinha visto nada). – Novos gritos. Moquet aparece, vê meu ar desolado e é muito amável. No mesmo instante Leon - que pouco está ligando, desde de o momento que sua responsabilidade está fora do jogo.- não vai dizer mais nada. Eu em vez de compreender que a exatidão desses buracos é, aparentemente, sem importância, paro em cada peça para ver se está na trave, comparo o tempo todo com o modelo. Leon ainda me repreende, desta vez com boa intenção, sem poder compreender, evidentemente, que alguém seja consciencioso com o próprio dinheiro. Acelero um pouco, mas às 5h:45 só fiz 1.845 peças. Paguei 0,45%; portanto ganhei 4,50F. + 3,60 +0,20 = 8,30F., isto é, apenas 2F. por hora. Preciso recuperar mais de 1h.1/2. São 10.000 peças.”

Se observarmos com atenção as cores do relato acima, percebe-se que existe uma sequência de palavras em preto (matéria) e outra em lilás (espírito). Uma vem seguida da outra como se estivessem nos mostrando um ciclo de algo que vai e vem. É também deste ciclo que o conteúdo destas palavras vem dizer, como se demonstra a seguir.

11:45 às 5:45 cortar e furar faixas de cobre (com Leon). Segundo drama. Leon percebe uma imperfeição depois de 250 peças, Simone não tinha visto nada. Novos Gritos. Mouquet aparece vê meu ar desolado e é muito amável. Depois que Mouquet chega o que gritou não diz mais nada porque agora sua responsabilidade está fora de jogo. Simone não compreende que a exatidão dos buracos é sem importância, paro em cada peça para ver se está na trave”. Se no momento de acolher a força do espírito este não é sequer considerado, e o momento não é profundamente aproveitado. Se por algum motivo (gritos, desatenção... etc) não se abre espaço para a força do espírito, mas pelo contrário a oprime, a matéria (exatidão, desgaste ao exigir de si perfeição, comparação com o modelo... etc) se impõe como algo indispensável. Porém, sozinho, falacioso, pois rapidamente se mostrará infrutífero: “Leon ainda me repreende, desta vez com boa intenção, sem poder compreender, evidentemente, que alguém seja consciencioso às custas do próprio dinheiro”. Ou seja, não se produziu frutos materiais, diferente de momentos em que a força do espírito é acolhida produz-se mais com maior facilidade, até o momento em que, novamente a vitalidade acolhida é consumida pela exigência material, fecha-se o caminho para a ação do espírito que só aparecerá novamente quando, por extrema necessidade, a força antes depositada na matéria, tenha si exaurido. A rigor a matéria não possui força, é o espírito que a ela concede movimento e beleza. É precisamente neste ponto que se percebe a dependência da matéria ao espírito e a sua urgente exigência por vida. Que em momentos tensos parecer capaz de consumi-la até sua extinção. É quando a opressão se faz absurda.

CONCLUSÃO

A todo tempo é a vontade de produzir que enxerta energia na exigência de dar forma e utilidade à matéria: ela diz:

“acelero”

“Fiz tantas peças faltam tantas”

“vou ganhar tanto”

“encontrei uma forma de evitar o enripamento”

“o jeito é agüentar”

Mas, a necessidade exaure o máximo da energia da vontade até o momento em que não se faz mais nada... Pois a necessidade material consome tudo. Neste instante um pequeno espaço para a força do espírito é aberto, apenas o suficiente para dar novo fôlego à produção, novamente exaure-se, abre-se, exaure-se, abre-se. E o homem, o operário entra neste jogo ao realizar a atividade com todo seu ser. Entretanto, uma questão permaneceu pendente: Se é o espírito que enxerta força à matéria porque esta não o acolhe a todo tempo, mas pelo contrario o oprime até não poder mais nada sem aquele, que a concede movimento, força e beleza.?

BIBLIOGRAFIA:

Ales Bello, A. (2004) Fenomenologia e ciências humanas. Miguel Mahfoud e Marina Massimi (Trad. e Org) Bauru - SP – EDUSC.

Stein, E. (2000) La Struttura della persona umana. Presentazione di A. Ales Bello. (M. D'Ambra, Trad.) Roma: Città Nuova. (Original de 1932-33).

Weil, S. (1951) La condition ouvrière. Albert Camus (Org.) Paris – France – Librairie Gallimard.

Amanda Carvalho Padilha e-mail: amandapadilha24@yahoo.com.br
Miguel Mahfoud e-mail: mmahfoud@yahoo.com